

18-01-2021

EPIDEMIOLOGIA PARA PRINCIPIANTES (I)

Dionísia Preto Malwin

[Educadora Física - Doula]

Na faculdade, apesar de ter feito um curso inserido no campo das ciências da saúde, a palavra EPIDEMIOLOGIA para mim soava tão distante quanto as palavras antropologia, sociologia, filosofia, psicologia e outras ia's. Sorte a minha que num mercado de trabalho, cada vez mais afunilado para o educador físico, me achei e me realizei como doula. E é bom assinalar que a formação em educação física, mesmo sem aqueles tantos ia's, me ajuda muito como doula, embora para ser doula não seja necessário ter curso superior. Quando comecei a ser instrutora de novas doulas e senti que precisava ir em direção às ia's, busquei ajuda. Fiz isso sem qualquer constrangimento pois a doula, antes de tudo, é uma profissional da ajuda. Não aquela ajuda pejorativa em que a pessoa ajudada é, muitas vezes, inferiorizada, tida como coitada. A literatura da auto-ajuda "ajudou" a deturpar o sentido. Ela individualiza o objeto da ajuda - uma pessoa de cada vez - e o termo acaba sendo utilizado para a realização material, na maior parte das vezes.

O termo ajudar é plural e sempre numa direção: a da solidariedade. Ad é o prefixo latino de estar perto, junto. E juvare é socorrer, ser útil, aliviar, alegrar. O próprio cuidado da gestante exercido pela doula tem um sentido coletivo - a mulher, o núcleo familiar, os amigos e, claro, o bebê -. E essa ajuda tem um sentido imaterial, subjetivo, amoroso e solidário. Ajudar é amar e se solidarizar. Por isso prestar ajuda e pedir ajuda são atos iguais de reconhecimento da incompletude humana sem o outro. Como profissional do cuidado e da ajuda, no momento em que comecei a "ajudar" a formar as jovens doulas, fui eu mesma pedir ajuda. Precisava penetrar no mundo das ia's. A primeira 'ia que eu precisava aprender, porque já era cheia de curiosidade, era a epidemiologia. Edna, minha colega de adolescência nas férias em Mairiporã, enfermeira, dispôs-se a me ajudar. E assim ela fez há algum tempo atrás, bem antes da pandemia, quando eu estava curiosa com a epidemiologia da gravidez, do parto, do abuso das cesarianas, da mortalidade materna e, claro, minha curiosidade natural, o quanto as doulas poderiam ter a ver com isso. O tempo passou e, p'ra ser sincera, obtive poucas respostas para minhas inquietações, mas continuei acompanhando alguns indicadores.

Edna havia me ensinado que os indicadores epidemiológicos eram a representação por números que davam a dimensão das situações de perda da saúde.

Um indicador é um número que se compara com outro número pra gente ter ideia do que representa aquela situação - morte, doença, sequela etc. -. Indicador no futebol é simples: Palmeiras fez 120 gols em 100 jogos; Corinthians fez 80 gols em 100 jogos. É uma fração matemática bem simples. O indicador do Verdão é 120 sobre 100 = 1,2 (120/100), já o indicador do Corintcha é 80 sobre 100 = 0,8 (80/100). 100 é o número ideal para as comparações. A palavra percentual vem de por cem.

Edna, sempre paciente, me perguntava: dá pra entender? Assim como ela me perguntava qual o percentual de gols do Palmeiras e do Corinthians naquele período analisado e naquele local, nós analisamos qual o percentual da mortalidade naquele período e naquele local... Com a pandemia, assisti perplexa ao horror da morte e da irresponsabilidade do governo federal, cujas atitudes genocidas, ao invés de arrefecerem com o tempo e o aumento da mortalidade, foram se agravando.

Mas, a par disso, fiquei encantada com os inúmeros epidemiologistas que, a todo o tempo, nos esclareceram, nos trouxeram análises, nos ajudaram a interpretar os números macabros e nos aconselharam a tomarmos as melhores medidas e atitudes de proteção da sociedade.

Mas, sabendo que os epidemiologistas falavam para os que, como eu, eram principiantes na bela ciência, senti falta da Edna. Ela sempre foi muito direta e taxativa.

Sempre me baseando nos conhecimentos que ela me havia passado, durante a pandemia comecei a fazer cálculos. Por exemplo, no dia 8 de janeiro de 2021, dia em que escrevi este texto, o total de mortes na pandemia, pelo Covid-19, era de 200.011. Fui ao IBGE: população do Brasil em 08/01/2021, às 10:43: 212.541.597. (Confira) Edna me ensinou que a mortalidade por qualquer coisa - doença, violência, acidente, suicídio... - é calculada com uma simples fração: o número de mortes do que você quer saber sobre a população que você quer saber.

Ou seja, o número de mortes dividido pela população.

E sempre você tem que escolher o momento (a data ou o período) e o local (bairro, cidade, estado, país).

É bem simples. Se eu quero saber a mortalidade pelo Covid 19, no Brasil, até o dia 8 de janeiro de 2021, eu pego quantos morreram no período da pandemia, pego a população brasileira do dia 8 e faço a continha.

Peguei e achei o resultado:
$$\frac{200.011 \text{ mortos}}{212.541.597 \text{ brasileiros}}$$

O resultado é um número que no início eu estranhava muito: 0,09%. Na época eu perguntava à Edna: 0,09% não é muito pouco?

continua

A resposta que ela me disse eu já sei de cor.

Você lembra do Comício das *Diretas Já* na Praça da Sé, em 1984? Nós éramos meninas, nos encontramos e depois nos perdemos, esqueceu? Respondi logo que claro que não. Como eu poderia esquecer de uma coisa inesquecível que hoje, na pandemia, tanta falta faz?

Aí ela me disse: *“Pois é, a imprensa disse que tinha 300 mil pessoas. Mas nós sabemos que havia muito mais. Mas, mesmo que fossem só 300 mil, seria como dizer que no comício morreram 0,09% das pessoas. Ou seja, 270 pessoas. Que tal? Nós duas poderíamos estar nessas 270 e nem estaríamos aqui agora. Acha pouco ou muito?”*

E, não satisfeita, ainda mexeu comigo... ela é corintiana, eu sou palmeirense...

“Imagine uma final Corinthians X Palmeiras, no Morumbi. Apesar de nossas divergências resolvemos assistir juntas. 100 mil pessoas e nós lá. No final, a pancadaria come solta e “apenas” 90 pessoas morrem, o que você acha? Isso é 0,09%.” Para entender a gravidade da pandemia, recorrer à epidemiologia é fundamental. Mas, com todo o respeito, os epidemiologistas deveriam conversar com a Edna, pra deixar os números absurdos mais claros: em menos de um ano, fora todas as outras mortes no Brasil, ainda morreu 0,09% da população brasileira. Isso é tão catastrófico que, se os editores me permitirem, vou continuar com essa conversa de epidemiologia pra principiantes... Até porque sou uma delas.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.